

Jornal das Senhoras – Tomo VI. – 5 de novembro de 1854 – Edição 45

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1854_00045.pdf

3º ANNO.

TOMO VI. — DOMINGO, 5 DE NOVEMBRO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.
JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

CHRONICA DOS SALÕES.

Não ha calor que sirva de obstaculo á concorrência, ou que acalme o enthusiasmo do mundo elegante, quando se acha reunido em uma sala de baile, dominado pela magia da variedade, do rumor, da musica e do brilho, que de todos os angulos se reflecte.

Um baile fascina sempre em todas as estações e em todas as idades: porque contra as primeiras oppoe-se os refrescos, os sorvetes, e conta-se com todas as janellas abertas para que o ar circule francamente, não entrando no calculo as constipações: e para provar a nossa proposição á respeito das idades temos em primeiro logar o constante testemunho dos velhos, que, máu grado da fadiga resultante dos differentes misteres da vida a que se dedicão, ou da profissão que exercem, parecem sentir á noite menos encommodos em passar quatro horas vestidos, apertados, suados, e até inutilmente pasmados em um baile, de que dizem sentir quando jantão em trajes caseiros depois de feita a gestão dos seus negocios. Dirão elles que a muita condescendencia para com as filhas os arrasta a tão grande sacrificio; é natural que assim seja; [...] não merecemos nós igual condescendencia quando se vos pede outras cousas de que não gostaes? Ah! meus bons senhores, tambem nós nunca deixamos de ser excessivamente condescendentes em tudo quanto nos agrada; e assim são todos. Esta é pois, a primeira prova de que os velhos gostão de bailes.

A segunda prova é a *Arcadia Fluminense*, sociedade novamente installada com tenções em duplicata: queremos dizer que as suas sessões serão de duas naturezas, uma consagrada ás letras, e outra á dança e á musica, em companhia de senhoras.

Era só o que me faltava ver, minhas amigas! As letras protegidas pela dança! Que a dança protegia as letras já nos tinha chegado a noticia aos ouvidos por diversas vezes; mas cumpre confessar que a idéa de pagarem agora as segundas o favor que lhe fazia a primeira, é mais uma das innovações do nosso seculo, que para ir em tudo á par do moderno systema de progresso, houve a feliz lembrança de o realisar por *uma companhia*, isto é, por uma sociedade.

Communicou-nos um cavalheiro *accionista*, ou socio, da *Arcadia Fluminense*, que tem sido animadas as discussões das sessões preparatorias desta nova instituição litterario-dançante: e até mesmo nos consta que a opposição manifestada por alguns oradores á idéa dos bailes arcadianos foi vencida por uma maioria, na qual (se não é falsa a noticia que nos derão) um velho sustentou o systema novo, com vigor e mesmo com tactica parlamentar, appellidando modestamente os projectados bailes com o titulo de *par-*

tidas das familias dos socios. Eis aqui a segunda prova da verdade da nossa proposição.

O que agora me resta ver, ou saber, é se as reunioes litterarias serão tão concorridas pelos cavalheiros como o serão as instructivas sessões musico-dançantes: se quizessemos anticipar juizos diriamos que nas actas das sessões muitas vezes (se não sempre) se lavrará a declaração de não haver tido logar por falta de numero, mas que das seguidas nunca se lavrará una acta por não sobrar tempo para isso — pelo muito que houve a tratar e a fazer.

E' o que acontece em todos os bailes que não são litterarios, e certamente acontecerá nestes da *Arcadia* porque serão bailes racionaes, intellectuaes e scientificos.

Resta-nos agora noticiar ás nossas queridas leitoras que as sociedades do *Cassino Fluminense* e da *Sylphide* derão as suas brilhantes reuniões com todo o esplendor e gosto que lhes é já conhecido, e que forão animados e concorridos como sempre; do que devem orgulhar-se as dignas directorias.

A sociedade *Phil-Euterpe* fêz tambem as suas reuniões de instrucção, continuando assim a mostrar-se com louvavel sollicitude empenhada no grande serviço de que se encarregou em

favor da civilisação e das bellas artes. Faremos votos pela prosperidade desta util sociedade, e de todas as que, como a *Vestal*, a imitação era tão louvavel empenho.

Alina.

DESCRIÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO DE ESTAR EM CASA. — Cabellos elevados, presos atraz por laços de fita de *moir* violeta.

Vestido Medicis, em *moir* cor de milho, raiado de veludo dahlia; corpo decotado, talhe espartilhado; mangas de dous fofos e um volante. Saia lisa de pregas largas.

Pelerine *Agnés*, de caça bordada com entremeios e Valencianas.

Esta vestimenta é composta por tão engenhosa maneira que chega parecer uma basquine, se não notar-se as duas bandas soltas de caça bordada em medalhões que vem prender-se aos quadris, e a duplice bertha de valenciana que orna o decotado do vestido e lhe encobre parte do corpo. E' uma graciosa *Pelerine*.

VESTUARIO DE PASSEIO. — Chapéo de palha de arroz, em tafetá branco, ornado de papoulas cor de rosa ein crepe.

Vestido de tafetá enfeitado de fita-galão e pequenas franjas.

Corpinho afogado formando basquine muito justo. O meio adiante é liso, e se termina com ponta redonda. Os lados vem adiante formar como uma jaquetinha aberta, bordada de um galão e uma franja. As mangas são enfeitadas da mesma fórmula.

A saia ornada de tres folhos recortados igualmente, e enfeitados de fita-galão guarnecida com uma pequena franja.

Na volta de cada um recortado um pequeno laço de galão.

O collarinho é de caça bordada, guarnecido de valenciana. E' mui ajustado e fechado adiante, e desce sobre o peito em tres ordens de valenciana.

As mangas brancas, são fôfas, fechadas no punho com uma pequena valenciana.

Os lindos e judiciosos escriptos que abaixo vão publicados, são extrahidos de uma das melhores paginas da *Illustração Brasileira*. Nada de melhór nos resta a dizer a respeito do especial merecimento destes bellos e sublimes pensamentos derivados de pennas tão habeis e abalisadas; sómente reproduzimos aqui a ultima parte da breve introdução feita pelo digno Redactor da *Illustração Brasileira* ao apresental-os aos seus leitores.

Queira elle aceitar nesta occasião nossos cordiaes cumprimentos.

« Para corresponder dignamente a esse espirito de complacencia e delicadeza publicamos hoje algumas paginas de un livro querido, e para nós de mui subido valor.

« Os leitores da *Illustração Brasileira* verão que não podiamos seguramente manifestar com mais franqueza e brilhantismo o nosso reconhecimento do que offerecendo-lhes um bello ramo de flores.

« Eil-o:

A maior singeleza, combinada com a elegancia e o aceio, couvêm ao trajar do homem, que se deve distinguir e fazer conhecido pela bondade do coração e cultura do espirito, sem nunca faltar ao dever e á justica por suas acções e maneira de as praticar em qualquer estado e circumstancia da vida domestica e civil. A' mulher, porém, assentão os adornos, que o primo das artes e a perfeição do gosto the proporcio-

não, á maneira que a civilisação progride, não porque a excellencia do seu ser deixe de consistir nos dotes d'alma e no exercicio das virtudes, que qualificão a supremacia de seu sexo; mas por se conhecer que, sendo a mulher a obra mais sublime e completa da Omnipotencia creadora, tudo quanto ha, e se faz de melhor se lhe deve dedicar para que seja eminentemente apreciado ao reflexo encantador de sua celestial belleza.

Antonio Pereira Rebouças.

Queres que a estrella
Se te não mude,
Toda a esperança
Põe na virtude.

Sopro Divino
Trouxe-te a vida;
Volve com elle,
Filha querida.

Columna d'oiro
Aos Céos erguida
Seja o emblema
Da tua vida.

Com ella snbas
A Deus no amor,
A dar-lhe d'alma
Todo o primor.

Não penses sem Fé,
Não queiras sem Esperança
Não ames sem Caridade.

Francisco Ramiro de Assis Coelho.

A virtude é o ornamento mais precioso de uma senhora: os dotes naturaes, as graças, as honras, as riquezas e as mesmas considerações sociaes, sem ella, são como o clarão fugitivo do

relampago. Feliz quem a cultiva; ella só é que nos póde dar a doçura de uma boa consciencia, formar um bom natural, e conservá-lo puro para Deus. Que ha de mais amavel, de mais precioso? Ella nos faz resignados na desgraça, insensíveis ás affrontas, e constantes nas afflicções; a mesma morte, que tudo abate, a exalta. Ella não envelhece com os annos, não desfallece com as fadigas, nem se destróe com a morte; sempre florescente alegra-nos na vida; sempre fagueira consola-nos, no pensamento, faz-nos reviver depois d'elle, e reviver para a eternidade.

Sêde sollicita no seu cultivo: sei que é a melhor flor do jardim da vossa mocidade, não a deixeis murchar.

Manoel Joaquim da Silveira.

Bispo do Maranhão.

(IMITAÇÃO DE SCHILLER.)

Como infante ligeiro e gracioso
O mundo te sorri: porém não creias
Nos seus afagos, oh! gentil Donzella.
Alma screna e pura, divinisas
Tudo o que vês em torno; e quem pudera
Resistir á magia de teus olhos,
Ao condão da belleza e da virtude?
Prazem-te as flores que a teus pés se alastrão;
Passas na vida conquistando affectos.
Oh! não despertes de um sonhar tão meigo,
Não deixes a illusão em que te embalas.
Porém da experiencia ouve o conselho:
Olha as flores da vida, e não as colhas;
São lindas, são de aroma peregrino
No seu desabrochar; mas emurhecem
Se acobiçosa mão d'haste as arranca.

Francisco Ignacio de Carvalho Moreira.

A virgem da planicie do Guanabara, esbelta, graciosa e elegante como a palmeira do deserto, pede ao bardo da montanha, que outr'ora celebrou as glorias da patria, cantou os heróes

da religião, e evocou a sombra dos reis para julga-los diante do seu tumulto, uma inspiração, um pensamento para enriquecer o seu album... E o alaúde tem as cordas estaladas como está o coração quebrado pela dôr!..... E os olhos que admirarão o azul dos céos e a formosura da natureza estão condemnados á escuridão eterna !...

Uma inspiração, um pensamento para enriquecer o seu album !..... E teu album, oh! virgem, não é tão rico de inspirações e tão fecundo em pensamentos ? O ouro, a prata, as decorações e

— 356 —

os emblemas fazem do teu album um primor d'arte: cada uma descripção, uma composição poetica, a maxima de um sabio, são homenagens consagradas a ti, oh! virgem, unico objecto de tantos cultos e tantas adorações.

Um dia este album passara á outras mãos, e elle só despertará a recordação de um passado de illusões, de mentiras e frivolidades que não tornarão mais á existencia. Antes que a aurora com seus dedos côr de rosa corra as cortinas do leito do bello astro do dia, a nympha se precipita no jardim, e com suas mãos de alabastro rega a flor mimosa, encanto dos seus olhos, idolo do seu coração: de tarde o rustico jardineiro arranca a haste da filha da primavera, que já não embalsama o ar com seu perfume, nem attrahe a attenção pela riqueza do seu matiz e a belleza de suas cores !..... Oh! como é formoso este céu dos tropicos abrilhantado pelo cruzeiro do Sul! Que estrella tão luminosa! E' um brilhante que o Todo-Poderoso cravou na abobada do firmamento! E' um destes anjos que presidem aos destinos dos homens! e o astro despredeu-se do horisonte, traçou uma elypse, e sumiu-se no espaço!..... O' virgem, o huri dos christãos ! orgulho de teu Pai, doce reminiscencia dos amores sagrados de tua mãe! todos estes encantos que te cercão, estes votos lançados á teus pés, estes protestos de amor, estas seducções da grandeza, esta aureola em que o mundo te envolve, são para ti, ó virgem, a voz melodiosa da serpente que nos desertos de Edom attrahe com os seus magicos accents o inexperto viajor para o dilacerar com suas garras. E amanhã? E teu coração? E teus pensamentos? Não! não esqueças esta sentença do bardo, que conhece todos os mysterios da vida e os segredos d'além-tumulo: virtude! Deus e a virtude!

Frei Francisco de Monte-Alvernc.

Sympathia.

Fagueiro vibrar de amor,
De peregrina affeição,
D'alma vivente flor,
Ternura, encanto, expressão,
Bafejo do meu sentir,
Pura tu és, sympathia,
Qual é dos céos harmonia
Qual é da virgem sorrir.

Eil-a no livro escripta
Dhulia palavra querida,
Mais almo canto não tenho,
Nem doce voz mais sentida.

Este hymno de — Sympathia —
Eu vou, senhora, offertar-te,
Não me inspira a pobre lyra
Outros sons p'ra consagrar-te.

Caetano Maria Lopes Gama.

Senador do Imperio.

Lê-se na historia um successo, ou para melhor dizer, um prodigio de amor, que será de admiração em todos os seculos. Um grande rei, soberano de muitos reinos, tinha um só filho, principe bello, docil, amavel, sabio; o qual fazia a felicidade de seu pai, que o amava como a si mesmo. O principe, de sua parte amava ternamente um de seus escravos; e offereceu-se a morrer por elle, para o livrar da morte em que fora condemnado por um crime. O rei, de grande justiça, agracion o escravo e fez perecer o tilno.

Este exemplo que é e será provavelmente sempre unico sobre a terra, acha-se consignado nos Evangelhos, onde lê-se, que o homem tendo sido condemnado à morte eterna, por causa do peccado, o Filho de Deus, Senhor do Universo, quiz incarnar e pagar com a sua morte a divida do homem. (Isai. 55) e o Pai eterno o fez morrer sobre a cruz para salvação dos miseraveis peccadores (Thom. 8. 32.)

Que vos parece alma devota, desse amor do Filho e do Pai?

(Breve cantico de uma alma que suspira por Deus).

Este coração suspira, e não sabe dizer por quem. E' de amor sem duvida, mas nao me diz nada.

Responde, meu coração: por quem suspiras? Eu quero Deus, responde elle; eu suspiro por Jesus.

Suspira, meu coração, suspira sempre: a tua vida seja amar aquelle que te soube tanto amar! Suspira, e Jesus seja todo o teu amor, e Maria sempre a tua esperança.

Faze que teus suspiros vão ferir aquelle que te feriu; espera ao depois, cheio de confiança, tudo o que pódes esperar.

Ide, meus suspiros, ide até Jesus; ficai a seus pés, não vos afasteis mais.

Dizei-lhe que o coração que vos envia arde de amor por sua belleza; dizei-lhe o que este coração pede, os vossos votos serão ouvidos.

Elle pede, elle deseja amar de todas as suas forças.

Dizei que nunca Deus recusou nada ao coração que o ama.

Bispo de Chrysopolis.

— 357 —

Um poeta, que poeta
Viveu sempre e quer viver,
Vai aqui, bella senhora,
Uma palavra escrever;
Palavra que vale um hymno
Psalmeado ao Creador,
Que exprime da natureza
Todo o esmero e primor.

Diz — um poema eloquente,
Diz — a propria poesia,
Diz — a fonte d'onde emana
Do universo a magia.

Diz-os amores da terra,
Mysterio, encantos dos Céos,

Diz a harmonia dos mundos,
— A melhor obra de Deus.

Esta palavra, Senhora,
Tudo o que é bom dizer quer;
Do *perfeito* expressao breve,
Esta palavra é — MULHER.

Dr. Antonio Felix Martins.

O juizo é a verdadeira formosura de uma Senhora. Além do cumprimento dos deveres, o que mais o demonstra e o emprego do tempo: sabê-lo aproveitar é uma das mais bellas qualidades de uma esposa.

Visconde de Olinda.

A belleza, quando acompanhada de modestia e doçura, é um dote tão brilhante, que sempre obtem a admiração e o respeito d'aquelles que têm a fortuna de poder apreciar-o.

Barão de Boa Vista.

O nosso espirito póde ser dominado pelos sentimentos d'alma, os quaes não sendo bem regulados, não só illudem, mas desatinão a razão.

Esse desatino nos leva a paixões, que na ordem moral são como as tempestades na ordem physica.

Feliz quem as evita procurando conselho entre os seus verdadeiros amigos.

São nossos verdadeiros amigos aquelles que nos illuminão a intelligencia com maximas moraes e religiosas.

Serão esses nossos bemfeitores porque lhe deveremos uma consciencia pura e esclarecida.

Joaquim Maria Nascentes de Azambuja.

Virgem de meigo sorrir,
Que vives colhendo flores,
Porque flores vens pedir
Ao bardo que so tem dores?

Virgem de meigo sorrir!
Lindos sonhos que sonhei
Não posso dar, que os perdi
Sorrisos com que brinquei:

Ai! virgem! mudados vi
Em mil penas que penei.
Eu peço, virgem, não dou,
Que não tenho para dar.

— Es anjo que Deus creou,
Ora; e Deus me ha de curar
Dores que o mundo causou,
Virgem de meigo sorrir,

Vai colher da vida as flores...
As que ao bardo vens pedir
Deus t'as pôz nos teus primores,
Virgem de meigo sorrir!

José Maria do Amaral.

Ministro do Brasil no Uruguay

Quando com perfumes e flores a primavera rodeia a beleza em sua primeira juventude, risonha e contida em seu destino, esta crusa o difficil caminho da vida. Um anjo a conduz: a esperança a precede, e as brilhantes illusões de uma fantasia joven apresentam a seus olhos vastas e encantadas perspectivas.

Os annos; ai! desvanecem uns após outros nossos sonhos de ouro, amortecem successivamente as impressões que um dia julgámos immorredouras, e vemos o passado atravez de um véo que turva os objectos.

Ha comtudo um sentimento celestial que não está sujeito a essa terrivel lei do tempo. O coração o conserva puro e não o olvida jamais por que a memoria do coração é infallivel. E' o sentimento da amizade: suas recordações dominão sobre as illusões perdidas, como a luz aprazivel da lua em antigas e solitarias ruinas.

General D. Thomas Guido.

POESIA.
A ROSA PERDIDA.

Tive uma Rosa: perdi-a;
E tão perdido fiquei,
Que além de não saber della,
De mim mesmo nada sei.
Se penso, não sei se penso:
Se choro, não sei se choro:
Se fallo, não sei se fallo:
Se o coração anciado
Sinto estalar de aflicção
E procuro allivial-o,
Não encontro coração.

Fado mau, se era meu tudo
A minha Rosa tão bella,
Por que não quizeste, amigo,
Que se perdesse commigo,
Ou me perdesse com ella?
Mas... que loucura! não fora
Satisfeito dessa perda
Teu cruento galardão?!
Essa perda tão ditosa
Não seria perdição.

Quanto perdi tudo achára,
Pois tinha tudo com ella!
Meu pensar sempre a seu lado
Uma inspiração de amor,
Minhas palavras, carinhos,
Meiguices ardentes, cantos

Nascidos d'alma, e meus prantos
Orvalhos da minha flor.

Oh! Céos! dai-me a minha Rosa,
A minha Rosa tão bella,
Que se me fôr para sempre
A minha Rosa perdida,
Perder tambem quero a vida,
Não posso viver sem ella.

Silva Rabello.

AI DE MIM!

Gemendo em vão minha dor,
Mil suspiros vou soltando;
Consumo assim minha vida
Triste pranto derramando!

Ai de mim! eis meu viver,
Suspirar até morrer!!

Aquella a quem tanto adoro
Menospreza o meu amor,
Deixa-me assim ir penando
Soffrendo cruenta dor!

Ai de mim! eis meu viver,
Suspirar até morrer!!

Victima da desventura,
Soffrerei a minha sorte,
Deixarei de padecer
Quando enfim vier a morte!

Ai de mim! eis meu viver,
Suspirar até morrer!!

A MANTA.

I.

Era o dia 8 de abril de 1816. Nada esqueci desse dia, desse dia da primavera em que o sol é ainda tão pallido. Tinha eu sahido de Paris, e, solitario, passeava já bem longe da cidade, quando me recordei de um convite que tivera para essa noite, e ao qual o rigoroso dever da politica me não permittia faltar. Voltei, pois, pressuroso e de máo humor.

Era já tarde quando entrei no salão da marquezia de R**. Aborrido, no meio de uma reunião brilhante, em que nada me interessava, sentei-me com indiferença ao lado do prazer dos outros. Aqui, dizia en, nada ha para o espirito, nada para o coração. Illudia-me; eu

— 359 —

não era mais que um enojado e julgava-me um sabio.

Perto de mim havia uma manta. Porque razão me interessou essa manta ?

Côres frescas, vivas, um tecido tão fino e macio podião naturalmente fixar meus olhos distrahidos. Dirigi a vista para as mulheres mais brilhantes, e meus olhos voltárão a cravar-se na manta. Não havia que duvidar, essa manta tinha sido posta ahi docemente; não tinha sido machucada, como que revelava alguma timidez e modestia na mão que ahi a collocára. Parecia-me ver, em sonho, atravez desse véo transparente, uns olhos azues, um doce sorriso, uma expressão indefinivel, sensibilidade, benevolencia, innocencia e graça...

Tinha ainda a manta na mão, quando subitamente acordei do meu sonho... Diante de mim estava uma donzella!... era o meu sonho, mais ainda que o meu sonho. Antes de a haver visto, não se podia sonhar, nem adivinhar Maria!

Não me pediu aquillo que era seu, e comtudo conheci logo que essa manta só a a ella podia pertencer; a nenhuma outra, a tivera eu dado. Levantando-me precipitadamente, não pude achar uma palavra polida para dizer-lhe, uma desculpa banal para dar-lhe. A minha emoção, a minha surpresa, o meu olhar, fallavão melhor, talvez; outra qualquer ter-me-hia em conta de estulto; conheci que não era esse o pensamento que a animava, e do fundo d'alma lh'o agradei. Ambos fizemos um encontro inesperado em um mundo cujos pretendidos prazeres secreta-mente denegavamos: tinhamo-nos comprehendido.

Vós que me lêdes, amastes já? Se o vosso coração palpitou por um objecto digno do vosso amor, fallemos como amigos, que são bem poucos os que nos entendem; escutai-me. Se o amor só foi para vós uma distracção de momento, ou passatempo de um dia, certo que não me entenderéis; minhas palavras serão para vós palavras perdidas, palavras lançadas ao vento. Mas se amastes verdadeiramente com esse amor de que só a recordação me faz tremer a mão ao traçar estas linhas, com esse amor cujas voluptuosidades ideaes e puras apagam as voluptuosidades que sonhão as paixões delirantes; se amastes com esse amor que faz do homem um ente algum tanto melhor, e da mulher um anjo, achareis aqui, por ventura, alguns traços da vossa historia, apagados sim, mas não obliterados do vosso coração? E se assim amastes, sabeis então como é que a existencia recobra o seu attractivo, como desaparece de subito esse enojo que parecêra incuravel.

Descobristes o unico segredo, o grande mysterio do mundo, a unica palavra necessaria: amar. Se assim amastes, podeis morrer... tudo sabeis; o tempo e a terra nada mais tem a ensinar-vos.

Havia no todo de Maria um encanto inexprimivel; uma graça tão natural, tão harmoniosa, que não podia desmentir-se nem por um gesto, nem por um olhar, nem pela inflexão da voz. Sua alma estava toda nella. Cada um dos seus movimentos, cada uma das suas palavras, era um pensamento.

Uma noite disse-lhe eu: Maria, devo-vos toda a felicidade de que gozo! — Será possivel? replicou ella. — Maria, como amo essa manta! Se não fora ella, ainda hoje vos não conhecêra.

Maria apertou a manta contra o coração. Eu tinha a cabeça inclinada, e na mão a garça fluccuante. Ella comprehendeu o meu silencio e suspirou. Ambos pensavamos nessa manta com supersticiosas previsões. Maria adivinhava minhas amargas reflexões.

— E a esperança? disse ella. — E' verdade, tenho uma... — Qual? — A morte!... ella, pelo menos, nos unirá.

E já uma pallidez mortal tinha succedido nas suas faces a esse leve rubor que a palavra esperança fizera assomar. Pobre Maria!

Essa noite foi triste, mas mais triste foi ainda a que lhe succedeu. E comtudo, tinhamos a certeza de nos tornar a ver. Estava ainda distante o dia em que nos deviamos separar, como o mundo separa, quando a mão de ferro das suas conveniencias despedaça sem piedade tudo o que ameaça derrocar o seu edificio de egoismo.

Por muitos annos esse mundo e eu fomos irreconciliaveis! Por fim elle se esqueceu de mim, e eu perdoei-lhe.

E não basta olhar para o mundo, para ficarmos vingados do muito que nos faz soffrer? Bem insensato é aquelle que repelle a religião, como uma fraqueza do espirito, a sensibilidade como um laço, a benevolencia como uma necessidade. Mas todos os que soffrem são bem vingados. Onde estão os felizes?

II.

Com o calmoso estio vierão os seus dias apraziveis, O mundo brilhante no meio do qual encontrára impressões que por certo não fora ahi procurar, tinha-se dispersado; mas em França, a solidão não convém por muito tempo, ha ainda espirito do mais para que se não sinta a necessidade reparti-lo com os outros; fui convidado pois para passar algumas semanas em B...., nas terras do barão de M...., pai de Maria.

Havia dous mezes que nos tínhamos separado, e de Maria só tinha recebido noticias indirectas. Soube que estava doente, e que se tinha chamado um medico de Paris. Quando cheguei ao palacio, havia já algumas semanas que estava em convalescença. Comtudo, na noite em que entrei, não appareceu ella no salão.

Muitas vezes me tinha Maria fallado em uma presa d'agua, a que chamava o seu lago, que havia no parque a alguma distancia do palacio. Compreendi que era ahi que nos deviamos encontrar. Na manhã seguinte, logo que raiou a aurora, encaminhei-me para o lago; a noite me parecêra um seculo. Vi um banco de relva, sentei-me para espera-la, que o coração me dizia que para aqui dirigiria ella os seus passos.

Passados alguns momentos, apparecêrão ao longe dous vestidos brancos, por baixo das frondosas arvores do parque Reconheci logo a manta azul; mas Maria não vinha só, apoiava-se no braço de uma senhora ainda joven. Forçoso foi conter-me.

— 360 —

Maria apresentou-me a madame M..., sobrinha de seu pai. Achei-a mudada, e no seu rosto signaes ainda da sua recente molestia. No meu silencio, e na expressão do meu olhar, viu ella a minha inquietação.

— Hoje sinto-me mui forte! disse ella; cheguei aqui sem a menor fadiga; e o seu sorriso e os seus olhos, que procuravão os meus, me dirigião essas palavras de consolação, Comtudo, ou fosse emoção ou fraqueza, foi obrigada a descançar no banco de relva do lago.

— Na verdade, minha bella prima, disse madame M..., ha quinze dias nem cem passos podieis dar, e hoje andastes um quarto de legua! Mas não deveis esquecer vossa promessa, é preciso ter prudencia.

— Ha pessoas, disse Maria olhando para o lago, que nada esquecem. Ella me agradecia por ter-me eu lembrado deste lugar, e por ter ido ahi.

Foi de mister voltar para o almoço.

Um penoso constrangimento nos obrigava a fallar de cousas indifferentes; Maria deu-me o braço; apertei-o contra o coração; caminhava-mos em silencio, mas pronunciámos a palavra manta.

— Sem duvida, senhor, disse madame M..., que reprovais o uso dessa mauta azul. Tendes razão, ha mais de dous mezes que ninguem as traz; já passou a moda das mantas. Dizei-lhe que as que dão o tom á sociedade já as banirao ha muito como vindes de Paris ella vos acreditará: é tal a sua obstinação que nem quer usar de chale, e a essa infeliz manta deve ella a sua ultima doença.

— Será verdade? exclamei eu.

— E', respondeu Maria.

Apertei o seu braço, e, pouco depois chegámos a polacio.

Maria não parecia evitar as occasiões; não procurava dissimular o que se passava no seu coração; tudo nella era amor; mas sabia conciliar com admiravel tacto e delicadeza o desejo que tinha de avistar-se commigo, de fallar da nossa paixão, com a modestia que deve acompanhar sempre uma donzella privada do apoio de sua mãe. Era-me mais facil respeitar esse sentimento do que deixar de ser infeliz.

Ah! sem duvida, o objecto mais amavel que se pode encontrar na terra é uma mulher que ama: o atheo, se algum existe, deve crer em Deus ao ver uma donzella commovida por um primeiro sentimento de amor. E' das obras da criação a mais perfeita. E' na alma de uma donzella que se concentram todas as abnegações, todas as ignorancias, todas as devoções que o mundo e os homens ainda não puderão diffamar.

O constrangimento em que viviamos cada dia se me tornava mais penoso. Fiquei moroso e triste. Maria em balde procurava suavisar minha tristeza. O meu olhar exprobrava os seus esforços. Que mulher se lembra de si, quando julga que só póde dar os soffrimentos do amor!

O encanto tão completo dessa felicidade não podia ser de longa duração, mas um não sei que, nos dizia que não nos separássemos. Se o coração desvaira algumas vezes, tem tambem muitas vezes previsões luminosas e indefinitas que só elle sabe comprehender.

(Continúa.)

CHARADAS

De um edificio qualquer
Sou principal compostura
Minha cor se julga ser 1
A mais fixa e que mais dura.

Adjectivo sou chamado,
Por todos appetecido,
E do verbo auxiliar 1
Tempo muito conhecido.

Na antiguidade já fui
Vestimenta muito usada;
Agora apenas sou visto
Lá n'um dia em que ha parada.

Companheira fiel do homem afflicto,
Comtigo morre o bom christão contricto. 1

Só me occupo em compor, e é p'r'ao que sirvo;
Sempre, — opposto ao progresso, exprimo atraz;
Ao viajor que o caminho errado segue
Mostro o que fazer deve, e elle o faz 2

Que triste memorar dás-nos da vida!
Tua vista nos compunge; o rei, o subdito.

Julietta.

A charada do n. 44 é: 1.^a *Botafogo*, 2.^a *Re-mido*.

Acompanha este n.º 45 uma estampa com figurinos de estar em casa e de passeio.